

# educação

INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS CRIAM PROJETO DE CAPACITAÇÃO QUE FAVORECE O ATENDIMENTO A PACIENTES DE CÂNCER EM MOÇAMBIQUE

## Oncologia além-mar

A colonização portuguesa e o idioma são pontos que ligam os 25 milhões de habitantes da República de Moçambique, país no sudeste da África, aos brasileiros. Há anos, porém, algo mais une esses povos. Com apenas sete oncologistas, Moçambique não tem recursos essenciais ao tratamento de pacientes com câncer. Três instituições brasileiras – A.C.Camargo Cancer Center, Hospital de Câncer de Barretos e Hospital Israelita Albert Einstein, todas de São Paulo – desenvolveram em conjunto um projeto de capacitação em oncologia voltado para os médicos do Hospital Central de Maputo, capital do país africano.

O grupo foi organizado em 2014, depois que a então primeira-dama de Moçambique, Maria da Luz Guebuza, fez um pedido ao hospital MD Anderson Cancer Center, dos Estados Unidos, durante a iniciativa Global Academic Programs (GAP), que promove projetos em pesquisa e educação com o objetivo de diminuir a incidência de câncer. O pedido foi aceito e o hospital americano estendeu a solicitação às suas instituições parceiras no Brasil.

Inicialmente, o objetivo era o tratamento de pacientes com cânceres de mama e do colo do útero. As reuniões iniciais foram por videoconferência. Ao final de 2015, depois de uma viagem de profissionais brasileiros a Moçambique, começou a ser discutida a inclusão de outras especialidades. Em janeiro deste ano, uma equipe das quatro

instituições envolvidas foi a Maputo. Formavam o grupo quatro médicos do Albert Einstein (oncologista clínico, mastologista, rádio-oncologista e ginecologista oncológico), um do A.C.Camargo (cirurgião de cabeça e pescoço), quatro de Barretos (ginecologista oncológico, mastologista, oncopediatra e diretor de pesquisa) e duas médicas do MD Anderson (ginecologista e diretora do programa de *telementoring* – tutoria a distância).

Até o momento, cinco especialidades estão incluídas: mastologia, ginecologia, cabeça e pescoço, oncopediatria e radioterapia. Está em implantação uma equipe de cuidados paliativos. “A enfermagem também está sendo envolvida, pois entendemos que a oncologia é uma especialidade que demanda multidisciplinaridade. O A.C.Camargo ainda enviará um membro de sua equipe a Moçambique para entender a realidade do país e, a partir disso, delinear estratégias de atuação”, conta Thiago Celestino Chulam, cirurgião oncologista do Departamento de Cabeça e Pescoço e coordenador do Programa de Prevenção do Câncer da instituição paulistana.

O projeto contempla três momentos: *telementoring*, em que se discutem casos de cada especialidade e acontecem aulas didáticas nos principais temas de cada uma; missões, nas quais os especialistas estarão *in loco*, reforçando as relações interpessoais com os participantes do projeto e estimulando

“Os recursos materiais são bastante escassos [em Moçambique]. Há ainda significativa carência de especialistas em oncologia, visto que os egressos das faculdades de medicina do país não querem seguir essa especialidade, já que a veem como a ‘especialidade para cuidar daqueles que morrerão’”

**JOSÉ HUMBERTO FREGNANI**, diretor executivo do Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital de Câncer de Barretos

melhorias nas ações já implementadas; e, em seguida, treinamento de longo prazo, para profissionais de saúde a serem escolhidas pelos mentores locais do projeto. A intenção é que, no futuro, eles repliquem o conhecimento adquirido.

## DA TEORIA À PRÁTICA

Na viagem no início deste ano, todos os médicos e residentes dos departamentos envolvidos tiveram oportunidade de acompanhar as atividades do grupo. “O corpo clínico do Hospital Central de Maputo assistiu a aulas sobre temas gerais em oncologia, como quimioterapia e radioterapia. Os médicos dos departamentos de Ginecologia e Mastologia tiveram aulas específicas. Houve ainda atendimentos aos pacientes nos ambulatórios, visitas diárias às enfermarias e cirurgias de casos previamente selecionados e discutidos”, detalha José Humberto Fregnani, diretor executivo do Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital de Câncer de Barretos.

**Cirurgia de cabeça e pescoço no Hospital Central de Maputo: especialidade incluída após visita de brasileiros**



Representantes do projeto tinham previsão de voltar a Maputo no período de 10 a 17 de setembro, com especialistas das áreas de oncologia clínica, ginecologia, mastologia, cabeça e pescoço, radiologia, enfermagem, física médica, *telementoring* e pesquisa. O financiamento da viagem será, em boa parte, por conta do MD Anderson Cancer Center, por meio da GAP. Mas as instituições envolvidas também utilizarão recursos financeiros próprios. “Desta vez teremos também a colaboração da chefe do Departamento de Ginecologia e Obstetria da Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Mila Salcedo”, informa Fregnani.

De acordo com o cirurgião, o projeto pretende ir além da assistência, contribuindo para a prevenção e pesquisa do câncer em Moçambique. “Os recursos materiais são bastante escassos [no país africano]. Há, ainda, significativa carência de especialistas em oncologia, visto que os egressos das faculdades de medicina do país não querem seguir essa especialidade, já que a veem como a ‘especialidade para cuidar daqueles que morrerão’”, relata. De fato, muitos casos de câncer são diagnosticados em estágio avançado, sem possibilidade de tratamento algum. Uma realidade que os brasileiros, com apoio do Ministério da Saúde e da atual primeira-dama do país africano, Isaura Nyusi, tentam reverter.

## CONHECIMENTO TIPO EXPORTAÇÃO

A parceria entre Brasil e Moçambique na oncologia não é recente. O Decreto nº 89.929, de 9 de julho de 1984, deu início a um projeto chamado Fortalecimento das Ações de Prevenção e Controle do Câncer de Moçambique, do qual participaram o INCA, o Ministério de Relações Exteriores do Brasil e o Governo da República de Moçambique. As



Profissionais de Moçambique tiveram aulas gerais e específicas sobre oncologia

atividades envolviam apenas aprendizagem, sem atendimento médico.

Em 1º de dezembro de 2010, esse acordo ganhou um termo de ajuste complementar para incremento das ações de aprendizagem. O INCA recebeu de Moçambique cinco médicos, um físico e seis técnicos, que participaram de treinamentos e cursos de atualização, especialização e aperfeiçoamento (*ver tabela*). O Instituto, por sua vez, enviou à África dois médicos e um enfermeiro para ministrarem curso de cuidados paliativos, com duração de nove dias e carga horária de 40 horas.

De acordo com o chefe da Divisão de Ensino do INCA, Mario Jorge Sobreira, as ações terminaram no final do ano passado. ■

Curso	Participantes	Duração
Treinamento para registradores de câncer	3 técnicos	80 horas (12 dias)
Aperfeiçoamento em radioterapia	1 médico	3 anos
Aperfeiçoamento em anatomia patológica	1 médico	8 meses
	2 médicos	5 meses
Aperfeiçoamento em física médica	1 físico	2 anos
Citologia	1 técnico	3 meses
Especialização de nível médio em radioterapia	2 técnicos em radiologia	1 ano
Atualização em radiologia (mamografia)	1 médico	3 meses